

Anistiado político: ARÃO DE SOUZA GIL

Data de nascimento: 26/03/1936

Meu nome é Arão de Souza Gil, sou irmão do ex-deputado José Porfírio por parte de mãe. Morava em Tocantinópolis. E em 1957 voltei para a região onde morávamos antes. O Porfírio tinha mudado aqui para Trombas. Quando o Exército afastou eu voltei a Pedro Afonso e depois, em 1959, vim de mudança morar com meu irmão Zé Porfírio. Foi quando o capitão Agripino tomou Formoso e Porangatu no intuito de entrar em Trombas. Aí foram seis meses, nem eles entravam e nem podíamos sair. Eles em Formoso e nós em Trombas. Foram seis meses direto na trincheira, quando um grupo cansava passava para o outro. Tinha o conselho geral que era em Trombas, que era comandado pelo Geraldão. Cada córrego tinha o seu conselho, mas obedeciam ao conselho geral. Qualquer um que fazia parte dos conselhos, e eram muitos, todos eles topavam a luta, participavam das trincheiras, das tarefas, participavam de tudo pela posse da terra. Todo mundo queria um pedaço de terra. Eu mesmo fui para lá porque queria um pedaço de terra para morar. Uma parte era do Estado, outra era dos fazendeiros, mas era improdutiva. Os fazendeiros usavam para criar gado. As terras não tinham cercas, não tinham limites. Tinham uns fazendeiros de Campos Belos que soltavam os gados a três léguas de onde morávamos. O gado não tinha nenhuma cerca, era criado solto. Os posseiros é que tinham que fazer as cercas para proteger as roças.

A MILITÂNCIA NO PCB

Eu fazia parte do Partido. Era militante e do conselho do Córrego da Onça. A militância nossa era dar assistência a qualquer conflito com posseiros na região. A gente dava cobertura. Eu andava muito com o Porfírio, ele gostava de andar mais comigo. Fomos a muitas regiões: Coqueiro de Gaia, Margoso, em toda essa região perto de Mara Rosa. Uma vez fomos numa reunião no Margoso e não morremos numa emboscada porque fomos avisados. Mandaram a gente voltar por outro lugar porque os jagunços estavam nos esperando entrincheirados na estrada. Depois disso, o Partido mandou outros dois militantes para lá, eles facilitaram e foram mortos. Todos que participavam da luta faziam parte do Partido.

O GOLPE

Era tudo tranquilo. Havia uns conflitoszinhos com os fazendeiros porque de vez em quando tinha ameaça dos jagunços, eles abriam a roça dos posseiros e punham o gado para dentro, queimavam os ranchos... Continuávamos trabalhando, tocando as lavouras. Tudo estava até bem alicerçado quando começou o golpe de 1964. Quem não correu para outros cantos, pegou a família e correu para as beiras de brejo, na beira dos rios. Para ir às casas buscar alguma coisa era como se tivesse roubando, era perseguido e vigiado pelos jagunços.

O Porfírio chegou lá em casa mais o Tibúrcio e contou como estava a situação. Aí nós juntamos todos e fomos para a serra, escondidos, caçar as armas que estavam guardadas. Nós não sabíamos onde estavam e a turma que tinha escondido as armas estava toda alongada, não sabíamos de ninguém. Eles tinham enterrado perto da fazenda da Carmina, mas caçamos

durante um tempo e não conseguimos encontrar. O Geraldão, o Bartô e o Nelson Marinho é que tinham escondido, mas eles fugiram.

Quando o Porfírio desceu para a região já não encontrou mais ninguém fazendo a segurança. Como nós estávamos desarmados achamos que a única solução era achar as armas e resistir ao golpe militar. Nós não sabíamos o tamanho que estava e a proporção que esse movimento ia tomar. Quando nos convencemos de que não iríamos achar as armas, falei para o Porfírio: nós temos que ir para o Maranhão. Lá tem a família da minha mãe é um lugar isolado. Eu nunca fui lá mas consigo achar. Aí nós pegamos a canoa - a canoa foi roubada de um primo nosso, mas depois nós pagamos – e descemos por rio abaixo. Nós sabíamos que eles estavam fechando o cerco por todos os lados e o único lugar onde eles não poderiam nos pegar era no rio. Eles nunca iam pensar que pudéssemos fugir de canoa. A gente viajava no decorrer do dia e quando chegava perto de alguma cidade deixava anoitecer. Quando anoitecia a gente passava devagarzinho como se fôssemos pescadores. Passava no meio daquele movimento de canoa no rio, gente pescando, jogando tarrafa e nós passávamos lentamente. Nós éramos muito treinados em canoa. Tanto eu como o outro irmão, o Manoel, era a mesma coisa de peixe, a mesma coisa de índio criado na beira do rio. Nós gastamos, acho, 26 dias rio abaixo até chegar na região de Carolina. O Porfírio não chegou até a cidade com medo de ser reconhecido. Eu e o Manoel descemos para Carolina. E o Porfírio e o Tibúrcio cortaram a pé. Em Carolina vendemos a canoa e pegamos um pau-de-arara que ia de Carolina ao Riachão e Santo Antônio de Balsa. Aí fomos a pé lá para onde estava o Porfírio. Ficamos lá uma temporada.

Depois o Porfírio me mandou voltar para saber como estava a situação em Trombas. Aí peguei um avião em Santo Antônio de Balsa. Ele abaxava em Carolina. Ele levantava e baixava em Pedro Afonso e depois em Miracema. Em Miracema peguei o ônibus para Alvorada. Em Alvorada encontrei pessoas que estavam foragidas e me aconselharam a não ir porque estavam acampados dia e noite para pegar qualquer um da família que aparecesse, porque a metade já havia corrido. E os que não correram foram presos. Quando tentei entrar, eles estavam acampados lá dentro, prendendo todo mundo. Era o Exército mesmo. Aí fui para Gurupi trabalhar numa cerâmica para ganhar dinheiro porque não tinha dinheiro nem pra voltar. Trabalhei dois meses, fazia até serão a noite carregando caminhão com telha quente para ganhar um dinheirinho. Tornei ir para Miracema. Lá peguei o avião de novo, desci em Balsas e de lá fui para o interior onde estava o Porfírio. Falei para ele que não tinha condições de sair de lá e a única alternativa que tínhamos era tocar roça. E nós agarramos plantando roça. O Geraldo não aguentou e desceu para ir trabalhar de pedreiro junto com os padres.

Nessa história, o Durvalino, filho do Porfírio, foge até Balsas e de lá, não sei como, ele conseguiu chegar a Trombas. Eu fui até Balsas vender um saco de milho para começar a colheita do arroz. O meu já estava cortado e empilhado, o deles estava só maduro. Quando eu cheguei de volta, eu e o Manoel meu irmão, os dois solteiros, descemos para a fazenda de um tio meu para uma festa. Quando estávamos no engenho, veio uma prima nossa correndo, que já sabia da história, e mandou a gente correr porque a polícia estava chegando para nos prender. Quando ela falou isso nós pulamos a cerca e saímos correndo. Foram 18 km de areião correndo, mas correndo mesmo porque sabíamos que a polícia vinha atrás. Quando chegou perto, uns 3 km, meu irmão não resistiu à carreira. Falei para ele ir beirando do lado do córrego e marquei um ponto para ele esperar. Cheguei falei para o Porfírio, ‘vasa, vamos vasar porque a cana’ vem chegando perto. Pegamos o que deu para pegar e descemos. Atravessamos o ribeirão para o outro lado e ficamos lá. Daí pouca hora eles passaram. Poucos minutos depois escutamos o tiroteio. Mas deram tanto tiro nesse barraquinho, acabaram com

tudo que tinha. Então foram para a casa do meu tio, que era pertinho, fazer pressão. E eles não sabiam que nós tínhamos corrido... Voltamos para a beira da estrada. Quando estávamos na beira da estrada eles passaram de volta. Estávamos numa vereda e passou um aviãozinho bem baixinho para eles darem sinal se tinham nos prendido ou não. Quando deram sinal dizendo que não, já era de tardezinha, eles desceram para a casa do meu tio. E nós acompanhando do outro lado do córrego para ver qual era o destino deles.

Nessas alturas eles já tinham pegado outro tio meu, que era o dono do engenho, um velho já com uns 80 e tantos anos, e levaram ele na garupa do cavalo, fazendo pressão, judiando, falando em capar ele, fazendo tudo quanto era barbaridade com o coitado. Tomaram uma ‘tomezinha’ que ele tinha, um revólver, tomaram tudo. Eles passaram a noite na casa e nós, vigiando. Cedo eles deram um bocado de tiros e saíram, pegaram os animais e saíram. Aí o Porfírio falou, se prepara para viajar porque eles vão dar uma trégua, mas vão voltar novamente, vão dar outra batida. Aí fomos para as casas, mas não encontramos ninguém. O povo tinha corrido tudo das casas e escondido naqueles vãos de serra, deu trabalho para encontrar alguém.

DURVALINO

Vou contar um pouco a história de Durvalino, filho de Porfírio, que ficou louco. Ele morreu novo. No golpe militar, quando ele foi preso, ele estava com 17 anos. Ele estava em Trombas quando foi preso. Foi só desta vez, mas foi torturado até o fim da vida porque ficou a sequela da tortura e ele acabou morrendo. O Manoel o trouxe amarrado numa corrente. Chegou a Araguaína foi pedir auxílio à polícia. Ela não sabia que o Manoel era irmão do Zé Porfírio e que o Durvalino era filho dele. Manoel o amarrou perto de um monte de pedra. Nem a polícia conseguia chegar perto dele, ele jogava pedra em todo mundo que passava. Manoel foi conversando, pelejando até que ele conseguiu tirar ele de perto do monte de pedra. Arrumaram um carro e vieram de cidade em cidade pedindo auxílio até chegar a Trombas. Lá em Trombas um amigo nosso ajudou trazê-lo para o Adauto Botelho (hospital psiquiátrico) em Goiânia. Depois ele fugiu uma vez e foi lá pra casa, em Trombas. Estava um pouco melhor. Mas às vezes ele arruinava de uma vez. Pegava laranja, mexerica e comia com casca e tudo. Uma vez ele falou, “tio, lá no hospício eles tratam a gente é com choque. Dá choque pra derrubar.” Daí foi arruinando cada vez mais. Não tinha condições de ficar com ele lá. Eu tornei pegar ele e trouxe aqui para Goiânia. Como ele tinha fugido, fiquei de seis horas da manhã até 12 horas para poder internar ele de novo no Adauto. Foi a última vez. Nós soubemos que ele morreu, mas nunca tivemos certeza.

PERSEGUIÇÕES E PRISÕES

Quando eu voltei o Manoel estava preso. Ele passou 45 dias preso. Eles usaram ele. Levaram ele, fizeram um acampamento fora da cidade (no lugar hoje tem um pasto) e a noite saíam com ele e o torturavam para ele entregar as pessoas que ele conhecia. Davam choque, batiam, todo tipo de tortura. Aí ele foi obrigado a entregar todo mundo. Ele foi inclusive lá em casa. Quando ele saiu da cadeia eu perguntei e ele confirmou. Disse que a hora em que eles mandaram ele me chamar tinham deixado o jipe longe e ido a pé. Eles estavam cada um de

um lado, entrincheirado com a metralhadora nas mãos esperando eu sair. Era ou prender ou matar.

Em 1964 quando nós invadimos as terras, sabíamos que eles estavam na região. Alguns disfarçados, mas estavam lá.

JOSÉ PORFÍRIO

O deputado Zé Porfírio foi muito bem apoiado por todo mundo. Na campanha a gente andava naquela região, Amaralina, Campinaçu, tudo andava a pé ou a cavalo. Na época tinha o Partido Comunista. Inclusive o Soarão andava conosco. Então não houve muita resistência à candidatura dele não. Ele foi muito bem apoiado. Todo mundo admirava a história dele. Na história do Brasil acho que só tem ele. Um camponês que nunca tinha sido nem cabo eleitoral, sair do cabo da enxada e virar deputado estadual com a votação que ele teve. Quando cassaram o Mauro Borges, cassaram o Porfírio. Até esse dia ele estava trabalhando no cabo da enxada com a gente, mas era deputado estadual. Nós estávamos ouvindo por um radinho de pilha, cassaram o Mauro Borges e na mesma hora cassaram o mandato dele. Aí aumentou a perseguição para cima de nós. Eles sabiam que eu era a pessoa que dava assistência ao Porfírio. Em qualquer lugar que ele estivesse, eu era a pessoa que fazia a ligação. Lembro uma vez que ele estava no Pará, saiu e foi para Santa Inês. Em Santa Inês ele trabalhou no batalhão do Exército, com o nome trocado – trabalhava com a picareta. Deu um calo na mão e ele foi para dentro da Santa Inês e ficou uns trinta dias tratando desse calo. Quando sarou ele foi até Porto Nacional e mandou me chamar. Eu fui. Tinha um gadinho, vendi uma vaca e levei o dinheiro para ele e um revólver 38 muito bom que eu tinha. Passei a noite com ele em Porto Nacional, numa fazenda. Ele seguiu, foi embora e eu voltei para Trombas.

Quando ele fugiu a última vez pelo rio com o Manoel foram até Tocantinópolis. Eles não entraram na cidade. De lá eles passaram em Vão do Paraíso. Lá arrumaram uma terrinha e foram trabalhar. Lá o Porfírio manda buscar a Dorinha, a segunda esposa dele, essa que mora em Minaçu. Aí ele pegou o Estrela. Ele quem fez uma escola com o nome do Porfírio. Ele era investigador e foi para lá para descobrir onde o Porfírio estava. Ele descobriu. O sogro do Zé Porfírio contou onde ele estava. Ele foi lá. Quando eu fiquei sabendo, desci de imediato. Falei, compadre foge porque você foi descoberto. O Porfírio desceu e foi para a cachoeira de Itapecuru, fica perto de Carolina, tinha uma usina que iluminava a cidade. Lá eu já não pude ir. Eles já tinham prendido o compadre Manoel. Quando eu voltei para casa, minha mãe e minha esposa falaram que a polícia tinha soltado o Manoel. Perguntei se ele tinha entrado em casa e falaram que não, que só tinha me chamado do lado de fora. Eu falei, vocês estão enganadas e ele estava era com o Exército para me pegar. Eram 8 horas. Saí outra vez, fiquei mais uns dois dias fora. Quando vi que já tinham descoberto onde eu estava, mandei um companheiro, o Meluco, avisar o Porfírio sair de onde ele estava. Ele foi para a fazenda Angical, mas ao invés de ir só, ele levou a esposa. Foi aí que prenderam o Porfírio, na fazenda Angical.

Quando estava com três anos que ele estava preso - ele estava na X-1 em Brasília, a Papuda – ele me escreveu. Foi o endereço que ele colocou na carta. Ele me pedia foto dos filhos dele e dinheiro. Ele disse que os outros presos tinham dinheiro para comprar balinha, merenda, caderno para escrever e ele não tinha nada disso. Eu peguei a carta e fui a Formoso. Naquele tempo tinha a doutora Lourdes e doutor Antônio, eram dois advogados muito conhecidos meus. Mostrei a carta para ela, ela escreveu outra carta e colocou num envelope. Fiz uma

coleta com a família, consegui o dinheiro, pus num envelope especial e mandei pelo Correios. Passado uns 60 dias devolveram a carta dizendo que o endereço estava errado. Tornei levar na Dr^a Lourdes. Ela enviou novamente afirmando que o endereço era aquele. Outra vez a carta foi devolvida porque o endereço estava errado. Então nós pedimos que devolvessem o envelope que tinha ido com o dinheiro. Passado uns seis meses devolveram o envelope com o dinheiro.

Depois disso eu vim numa reunião aqui em Goiânia e encontrei o Sebastião Balão. Ele me contou que os dois foram soltos no mesmo dia. Puseram eles no ônibus para irem para a rodoviária. Mas ele saltou na primeira parada e pegou mais dois ônibus até chegar na rodoviária de Brasília. O Porfírio continuou no primeiro. Essa é a última notícia que nós tivemos dele, assim, com certeza, contada por alguém que falava a verdade.

Há poucos anos fiquei sabendo que tinha um Zé Porfírio em Santana do Araguaia. Eu estava em Marabá. De lá eu vim, fui para Casa de Tábua e segui para Santana do Araguaia. Tinha mesmo. Chama José Porfírio Paz, mas é filho do Pedro Porfírio da nossa família. Ele me contou que foi preso umas cinco vezes enganado. Todas as vezes que o Exército o achava e que falava que era o Porfírio pegava ele. Quando chegava lá descobriam que tinham pegado a pessoa errada e o soltavam. Faz uns quatro anos que estive lá e continuo procurando para ver se encontro qualquer pista que possa levar ao paradeiro dele. Em qualquer lugar que estivesse, ele se comunicava comigo. Se ele não se comunicou é porque sumiram com ele mesmo.

MARCAS

Eu não fui preso. Quando o ‘trem’ apertava eu fugia. A roça era meio longe. Muitas vezes quando eu ia trabalhar na roça e cismava que eles estavam rondando, não voltava pra casa, dormia no mato, com fome. No outro dia sondava para ver se podia chegar na casa. O dia que não podia, não chegava. Às vezes o pessoal mandava avisar que eles estavam em Trombas e que iam me pegar. Então eu fugia, passava o mês fora, escondido, sozinho. Era assim. Eles me perseguiram para me pegar até vir a anistia. Eles queriam me pegar de qualquer maneira. Eu fui o único da família em que eles não puseram as mãos. Eu não gosto mesmo de lembrar o passado não. É ruim. Não é um passado bom não. Já sofremos demais, Deus me livre. Eu fui criado sem pai, só no poder da mãe. Depois de grande quando quis caçar jeito de viver, vim pra cá e caí nessa. Sofremos o tempo todo. Veio manear um pouco mais depois que veio a anistia. Antes da anistia eu trabalhava, mas com medo, sobressaltado, com medo de ser morto. Sofrimento não mata fácil não, se matasse eu acho que tinha morrido.